A DIFUSÃO DO CONSUMO PRODUTIVO NA ECONOMIA URBANA DE MOSSORÓ (RN)

THE DIFUSION OF PRODUCTIVE CONSUMPTION IN THE URBAN ECONOMY OF MOSSORÓ (RN)

LA DIFFUSION DE LA CONSOMMATION PRODUCTIVE DANS L'ÉCONOMIE URBAINE DE MOSSORÓ (RN)

CAMILA DUTRA DOS SANTOS

Professora no Departamento de Geografia da UECE
Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Geografia da UECE
Membro do Grupo de Pesquisa Globalização, Agricultura e Urbanização (GLOBAU)

E-mail: camilageo@hotmail.com

Resumo: Três importantes circuitos espaciais da produção atravessam a cidade de Mossoró (RN): a extração de sal, a exploração de petróleo e a produção de frutas tropicais para exportação. A modernização das empresas que compõem esses circuitos resultou em uma maior e mais especializada demanda de consumo produtivo, refletindo-se, consequentemente, na economia urbana mossoroense. Mossoró incorporou um número expressivo de casas comerciais de insumos e empresas prestadoras de serviços que surgiram, ou se incrementaram, visando ao atendimento das novas demandas produtivas. O alargamento das possibilidades contidas no consumo produtivo foi uma das diferentes formas que o capital encontrou para se reproduzir em Mossoró. E, ao mesmo tempo em que o consumo produtivo ficou mais complexo, moderno, diversificado e especializado para atender a renovação das forças produtivas do capital, o papel desta cidade foi reforçado como importante nó da rede urbana do Rio Grande do Norte e da região Nordeste.

Palavras-chave: Circuitos espaciais da produção. Consumo produtivo. Economia urbana. Terciário. Mossoró.

Abstract: Three important spatial circuits of production cross the city of Mossoró (RN): salt extraction, oil exploitation and tropical fruit production for export. The modernization of the companies which take part in these circuits resulted in an increase of size and specialization of the productive consumption demand, reflecting on Mossoró's urban economy. Mossoró incorporated an expressive number of input businesses and service companies that were created or expended to meet the new production demands. The enhencement of productive consumption possibilities was one of the different ways found by capital of reproducing itself in Mossoró. And, as productive consumption bacame more complex, modern, diversified and specialized to tend to the renewed productive forces of capital, the role of the city was reinforced as an important link in the Rio Grande do Norte state and Northeast region urban network.

Keywords: Spacial circuits of production. Productive consumption. Urban economy. Tertiary. Mossoró.

Résumé: Trois importants circuits spatiaux de la production traversent la ville de Mossoró (RN): l'extraction du sel, l'exploitation du pétrole et la production des fruits tropicaux pour l'exportation. La modernisation des entreprises qui composent ces circuits, a résulté dans une plus grande et plus spécialisé demande de consommation productive, réfléchissant, par conséquent, dans l'économie urbaine mossoroense. Mossoró a incorporé un nombre expressif des commerces des intrants et des entreprises fournisseurs des services qui ont surgi ou qui se sont dévelloppées visant l'accueillement de nouvelles demandes productives. L'élargissement des possibilités contenues dans la consommation productive a été l'une des différentes formes que le capital a trouvé pour se reproduire à Mossoró. Et au même temps que la consommation productive est devenue plus complexe, moderne, diversifiée et spécialisée pour répondre à la renovation des forces productives du capital, le rôle de cette ville a été renforcé comme un important noeud du réseau urbain du Rio Grande do Norte et de la région Nordeste.

Mots-clés: Circuits spatiaux de la production. Consommation productive. Économie urbaine. Terciaire. Mossoró.

INTRODUÇÃO

Na Geografia, a noção de *consumo produtivo* tem origem nos trabalhos do professor Milton Santos, estando presente já nas suas pesquisas dos anos de 1970 e de 1980, oriundas da preocupação com a valorização espacial da distinção e articulação entre *consumo produtivo* e *consumo consuntivo* (SANTOS, 1996, 2005; ELIAS, 2003) na produção do espaço. Desse par dialético, o primeiro termo se associa às demandas materiais e imateriais do processo produtivo (insumos químicos, mecânicos, biológicos e serviços especializados), e o segundo se refere aos bens e serviços voltados à reprodução social.

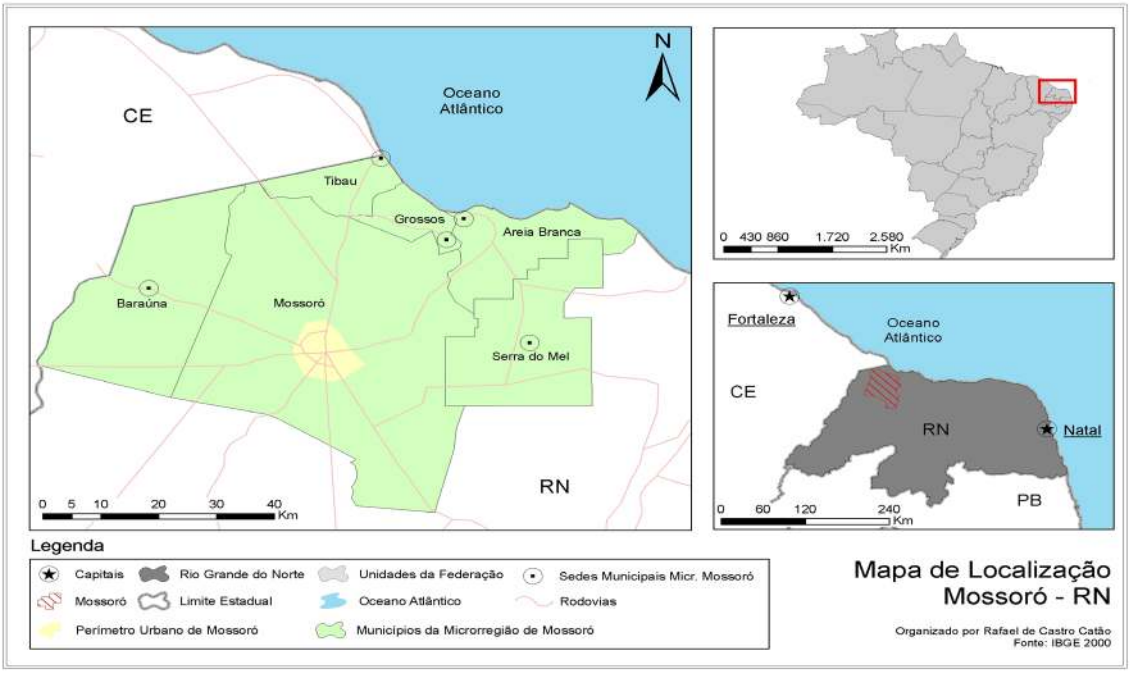
Apresentar reflexões sobre a difusão do consumo produtivo na cidade de Mossoró (RN), associado à extração de sal, à exploração de petróleo e à produção de frutas tropicais para exportação, é o objetivo central desse artigo. Essa cidade foi escolhida para investigação por ter desempenhado, nas últimas décadas, importantes papéis intermediários na rede urbana do Rio Grande do Norte, do Nordeste e também na rede urbana nacional, instigando o interesse de pesquisas que almejam compreender os processos e as dinâmicas que envolvem a constituição de espaços urbanos não metropolitanos[1].

Mossoró possui localização privilegiada tanto por estar "sentada na área de transição entre a economia do litoral e a economia do sertão" (FELIPE, 1980), como por estar situada entre duas capitais, Natal (RN) e Fortaleza (CE), o que a conduziu para entrar mais facilmente nas novas divisões territoriais do trabalho. Também é ponto de convergência

[1] Mossoró foi uma das cidades de porte médio objeto de estudo da pesquisa intitulada Cidades médias brasileiras: agentes econômicos, reestruturação urbana e regional, que contou com o auxílio do CNPq. Sobre essa pesquisa ver Sposito, Elias, Soares e Maia (2007).

de praticamente todas as vias rodoviárias que servem a sua região de influência. A rodovia BR-304, por exemplo, que passa por Mossoró ligando Fortaleza a Natal, assume o papel, hoje, de um corredor de oferta de serviços e comércio, tanto para a atividade da fruticultura, como para a economia salineira e petrolífera, como já demonstrou Rocha (2005).

FIGURA 1 – Localização de Mossoró.



A difusão do consumo produtivo é evidente nessa cidade que está perpassada por importantes *circuitos espaciais de produção* e *círculos de cooperação* (Santos, 1986) das principais atividades que se desenvolvem na região mossoroense: a extração do sal e do petróleo e a produção de frutas tropicais para exportação. Para atrair e permitir continuidades dessas novas dinâmicas econômicas, a cidade se reorganiza em função das demandas apresentadas por esses novos agentes hegemônicos, em muito nos lembrando das lições de Santos (1996) sobre os *espaços corporativos*.

A modernização e ampliação das empresas que compõem esses três principais circuitos produtivos resultaram numa maior e mais especializada demanda de consumo produtivo, refletida no aumento expressivo de estabelecimentos comerciais e prestadores de serviços, o que rebateu, consequentemente, no incremento da economia urbana e regional. Dessa evidência, surgiu nosso interesse em analisar como o consumo produtivo se difunde na cidade de Mossoró, direta ou indiretamente, associado aos três mais importantes circuitos produtivos que tangenciam a região[2].

O desenvolvimento da economia urbana de Mossoró é uma das possibilidades de exemplo para algumas das novas tendências da urbanização brasileira, entre as quais a da

[2] Este foi o objetivo central da nossa dissertação: SANTOS, Camila Dutra dos. Difusão do consumo produtivo na economia urbana de Mossoró (RN). Fortaleza (CE). 2010. 265f. Dissertação (Mestrado em Geografia). Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Estadual do Ceará.

emergência de cidades de porte médio, já que o mesmo acontece, principalmente, pela funcionalidade que este lugar historicamente teve para sua região de influência. Contudo, essa sua inserção no *hall* dos *novos espaços seletivos para o capital* (Santos, 1996) só pôde ocorrer a partir do processo de desconcentração espacial de empresas, iniciado nos anos de 1970 e de 1980, em que o capital migrou para outras áreas do território brasileiro que antes não despertavam interesse para alguns tipos de investimentos.

Até aquele momento, a reestruturação produtiva esteve evidenciada no Brasil, de modo mais complexo, na *Região Concentrada* (SANTOS, 1986, 2005), haja vista que seus espaços pioneiramente se adaptaram aos interesses capitalistas, atraindo empresas representativas mundialmente. Dessa forma, surgiram no Nordeste diversos *subespaços dinâmicos* (ARAÚJO, 1997) a partir da incorporação do que Santos (2005) chamou de *exército de lugares de reserva* à produção e consumo globalizados.

Nas palavras de Elias (2008, p. 3), "o semiárido nordestino passa a ser considerado como fração do espaço do planeta cada vez mais aberta às determinações exógenas e aos novos signos contemporâneos". Consequência direta desse processo é o que Santos (1996) chamou de *guerra dos lugares*, como se existisse um mercado global para venda de virtualidades, em que cada lugar compete para atrair o máximo de investimentos e vetores de modernização para sua fronteira, a partir de vantagens competitivas que garantam uma maior rentabilidade aos atores hegemônicos.

Essa seleção espacial se inscreve dentro de um *desenvolvimento geograficamente desigual* (SOJA, 1993), parte essencial da espacialidade capitalista, de sua matriz espacial e de sua topologia características. Tendo em vista que, como enfatiza esse autor, a reestruturação não se generaliza da mesma forma em todos os circuitos da economia, nem em todos os espaços ou com todos os agentes produtores do espaço, trata-se de "uma mescla complexa e irresoluta de continuidade e mudança" (ibid. p. 194). Esse tipo de desenvolvimento aparece como importante fonte de manutenção dos lucros e implica na produção de diferenciações espaciais.

Foi um conjunto de *forças centrífugas* e *centrípetas* (SANTOS, 1996), como terras e mão de obra igualmente baratas, incentivos fiscais, isenção de impostos, mercados consumidores na periferia do sistema e outras benesses para o capital, que fez da região mossoroense um alvo de atração de novos e renovados capitais, que a transformaram em mais um dos espaços incorporados pelo capital na região Nordeste, nas últimas décadas.

No primeiro item do texto apresentamos uma leitura sobre o conceito de consumo produtivo, na tentativa de compreender como o mesmo se relaciona com a urbanização e com as atividades terciárias. Nos demais, privilegiamos o caso mossoroense, no qual verificamos empiricamente a difusão desse tipo de consumo e as mudanças que se processaram na cidade investigada. Para tanto, listamos as particularidades e as semelhanças desse processo dentro de cada circuito espacial da produção analisado (sal, petróleo e fruticultura).

DIFUSÃO DO CONSUMO PRODUTIVO, CENTRALIDADE DAS ATIVIDADES TERCIÁRIAS E REBATIMENTOS NA ECONOMIA URBANA

Com as constantes transformações no modo de produção capitalista, os *circuitos espaciais de produção* e os *círculos de cooperação* (Santos, 1986) tornaram-se mais completos e modernizados, e a relação produção – distribuição – circulação – consumo aparece, cada vez mais, integrada no espaço. O atual modelo de produção demanda bens e serviços que possibilitem reduzir os custos de produção, diminuir o tempo de giro do capital e melhorar a qualidade do produto final. Nesse sentido, o consumo produtivo se amplia para atender a renovação das forças produtivas do capital, uma vez que os circuitos produtivos utilizam cada vez mais esse, em detrimento dos outros tipos de consumo.

O conceito de consumo produtivo em Marx (1982) está associado diretamente à relação capital – trabalho. Através da discussão dos meios de produção, esse autor mostra como esse tipo de consumo se integra de maneira mais direta e imediata à reprodução do capital. Marx, na mesma obra, constatou que a produção era também imediatamente consumo, primeiro porque o indivíduo, ao produzir desenvolvendo suas faculdades, também as gasta, as consome no ato de produção. Segundo, porque produzir é consumir os meios de produção utilizados e gastos.

Para Marx (Ibid., p. 8), "à produção, enquanto é imediatamente idêntica ao consumo, ao consumo enquanto coincide imediatamente com a produção, chamam de consumo produtivo". E essa produção, análoga ao consumo, se torna a segunda produção, pois nasce do aniquilamento (consumo) do produto da primeira. Assim, podemos ver que esta forma particular, o consumo produtivo, em consequência da sua natureza produtiva, mantém, portanto, relações diretas com a produção e circulação do capital.

Podemos concluir, a partir do pensamento de Marx, que toda produção é também consumo. Se a produção se realiza para o mercado e dentro de uma lógica mercantil capitalista, todo processo de produção enseja o seu próprio consumo produtivo. Daqui só poderíamos tirar como exceção os consumos do tipo conspícuo (de luxo) e consuntivo (de reprodução da força de trabalho), já que a força de trabalho é uma mercadoria também produzida e reproduzida, como as demais mercadorias, e que não deixa de ser também um insumo indispensável à atividade produtiva em geral.

E o que se consome na produção? Trabalho morto (matérias-primas, prédios, localizações, máquinas, equipamentos etc.) e trabalho vivo – força de trabalho. E hoje a produção consome também conhecimento e técnica em estado bruto. Assim, produção é consumo e é consumo produtivo. Esse, dentro do novo regime de acumulação que se apresenta à sociedade, refere-se diretamente à incorporação de técnica, ciência e informação na produção.

Na Geografia, Santos (1996, 2005) trabalhou com o conceito de consumo produtivo referindo-se ao campo moderno. Elias (2003, 2006) deu prosseguimento e buscou aprofundar os estudos investigando a difusão do consumo produtivo agrícola, que aparece

devido às exigências da atividade agropecuária a partir do seu processo de reestruturação produtiva, que produz novas demandas de comércio e serviços especializados nas cidades, uma vez que a atividade agropecuária associada ao circuito superior do agronegócio (Elias, 2011) requer a utilização de máquinas e implementos, adubos, defensivos, sementes selecionadas, serviços técnicos baseados no conhecimento científico, crédito, logística etc.

De acordo com Elias (2003b), diferentemente do *consumo consuntivo* que se esgota em si mesmo, que tem objetivos imediatos, que não se direciona às atividades produtivas, o *consumo produtivo* refere-se a um conjunto de bens e serviços voltados à produção de novos bens e serviços. O primeiro se baseia na demanda e nos estratos de renda. Já o segundo resulta da produção para nela inserir-se novamente, convertendo-se em meios de produção e de subsistência que voltam a entrar na reprodução ora de mercadorias, ora da própria força de trabalho.

Entendemos que, além do uso para o entendimento da reestruturação produtiva da agropecuária, o conceito de consumo produtivo também pode ser aplicado, de forma ampla, para compreender algumas dinâmicas dos dois outros circuitos espaciais da produção em destaque em Mossoró, ou seja, do sal e do petróleo, até porque grande parte desses produtos é extraída no campo, embora seus reflexos sejam nítidos no espaço urbano.

É preciso destacar que o consumo produtivo não inclui apenas os produtos materiais (insumos, máquinas e ferramentas), mas também abrange os serviços (armazenagem, construção, infraestrutura, comunicação, distribuição, entre outros) e o trabalho imaterial (qualificação de mão de obra, pesquisa e desenvolvimento, assistência técnica etc.). As mercadorias que compõem esse tipo de consumo aparecem tanto como insumos – feitos "capital" – quanto como produto e renda. O consumo produtivo abrange, portanto, elementos que formam o capital, sendo eles mesmos bens produzidos e, portanto, não são desejados em si mesmo, senão pelo valor dos bens finais que são capazes de produzir (BELLUZZO, 1980).

As atividades terciárias tornam-se, na atualidade, importantes aos novos sistemas técnicos por, muitas vezes, precederem à produção material propriamente dita. Sem elas, inúmeras atividades primárias não poderiam se realizar, não sem a carga necessária de técnica, ciência e informação exigida hoje aos novos *sistemas de objetos* e *sistemas de ações* (SANTOS, 1996). E, num período em que a produção se torna cada vez mais intensiva em capital, tecnologia e ciência, e a indústria se desconcentra, o terciário ganha evidência no desenvolvimento dessas etapas da produção. Esse conjunto de atividades passa a dar respostas à expansão do consumo produtivo e exerce importante papel de tornar consumível a mercadoria, isto é, colocá-la no mercado (VARGAS, 2001). Possuindo o terciário uma lógica tipicamente urbana, embora não mais exclusiva como antes, é na cidade onde irão se concentrar os estabelecimentos mais representativos desse setor.

Mossoró reúne algumas das importantes condições para a instalação de atividades associadas à extração do sal e do petróleo e à produção de frutas, explicando, em parte, a atração de capitais exógenos para seu espaço. De fato, as empresas se instalam principal-

mente em lugares onde possam encontrar uma boa *situação geográfica* (SPOSITO, 2001), isto é, terras e mão de obra barata, incentivos fiscais, isenção de impostos, mercados consumidores e outras benesses para o capital. Não esqueçamos, tampouco, do papel importante das condições naturais no momento de decisão da localização empresarial. Podemos dizer, assim, que em Mossoró o capital encontrou favorável centralidade interurbana que extrapola os limites municipais, representando um importante peso do papel regional desta cidade, condizentes com as maiores possibilidades de circulação de pessoas, dinheiro, mercadorias, informações e ordens.

A relação entre a produção e o terciário, consequentemente adicionada à urbanização, é bem expressiva na organização do espaço urbano mossoroense e na relação entre este e sua região de influência. Uma das muitas formas que o capital encontrou, portanto, para se reproduzir em Mossoró de modo mais perfeito, foi o alargamento das possibilidades contidas no consumo produtivo que se tornou cada vez mais complexo, moderno, diversificado e especializado. Observa-se que a organização espacial dessa cidade se redefine, nos últimos anos, para melhor atender a tais exigências da produção, e os rebatimentos têm se manifestado tanto na cidade quanto no campo.

Assim, o consumo produtivo enseja demandas heterogêneas segundo as necessidades de cada produto (SANTOS, 2005), mas é preciso que determinado espaço tenha sido eleito globalmente para certos produtos, os quais ao mesmo tempo em que são especializações de um lugar podem não ser do lugar vizinho, levando ao uso competitivo do território, o qual beneficia apenas as grandes empresas que dispõem de maiores possibilidades para utilização dos lugares mais aptos à sua instalação, ou para a transformação dos antes inaptos locais em lugares de eleição global pelo capital.

Desta forma, para compreender a economia urbana de Mossoró é preciso compreender quais seriam essas *especializações alienígenas alienadas* (SANTOS; SILVEIRA, 2003.) deste lugar. A amplitude dos fatores de crescimento da cidade de Mossoró é explicada pela diversificação dos seus circuitos produtivos, em especial, os da extração de sal e petróleo e o da produção de frutas tropicais. Esses, apesar de específicos, possuem aspectos em comum, como o fato de se conformarem à mesma herança urbana do passado, obedecerem às lógicas econômicas mais gerais e se apropriarem da natureza. Nos itens seguintes, veremos como o processo se desenrola em cada uma dessas atividades econômicas presentes na economia urbana mossoroense.

EXPANSÃO DO COMÉRCIO E SERVIÇOS ASSOCIADOS À EXTRAÇÃO DO SAL

No Brasil, a produção do sal marinho concentra-se nos Estados do Rio Grande do Norte, Rio de Janeiro, Ceará e Piauí. Entre esses, é notável a participação do primeiro, que se destaca como principal centro beneficiador (moagem e refino) e comercial de sal, representando aproximadamente 78% da produção total de sal do país e 95% da produ-

ção brasileira de sal marinho (DNPM, 2013), comercializado em vários estados brasileiros e exportado principalmente para os Estados Unidos, África e Europa.

A região salineira norte-rio-grandense é composta por oito municípios e subdividida em duas zonas: uma liderada por Mossoró, que mantém sob sua influência mais direta os municípios salineiros de Areia Branca, Carnaubais e Grossos; e outra liderada por Macau, que mantém, embora de forma frágil, influência sobre os municípios de Pendências, Guamaré e Alto do Rodrigues. Entre esses, os principais produtores de sal são: Mossoró, com 1,8 ton. (32%); Macau, com 1,7 ton. (30%); Porto do Mangue, 599 ton. (11%); Areia Branca, 590 ton. (10%); Grossos, 446 ton. (9%); Galinhos, 394 ton. (7%) (DNPM, 2013).

A extração do sal foi uma das primeiras atividades econômicas de destaque do Rio Grande do Norte e foi, por muito tempo, a principal para os municípios do Oeste Potiguar. Nessa região, a extração de sal foi realizada de forma extremamente artesanal por mais de um século – até o início dos anos 1970 –, empregando grande contingente de trabalhadores e constituindo-se em atividade bastante insalubre. Desde então foi fortemente beneficiada pelos incentivos fiscais da Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE), passando por um processo de reestruturação produtiva, comandado por importantes grupos nacionais, incluindo capitais da própria área de Mossoró, e multinacionais (especialmente estadunidenses, holandesas e italianas), culminando em forte substituição da força manual pela força mecânica e na concentração econômica.

A mecanização das salinas – representada pela adoção de novas tecnologias, substituição de equipamentos e processos artesanais por técnicas e equipamentos modernos, aumento da produtividade –, significou um importante marco nas transformações desse setor no Rio Grande do Norte. Essa modernização atingiu o parque salineiro potiguar com a penetração de grandes empresas nacionais e estrangeiras nas salinas de Mossoró, Areia Branca e, mais acentuadamente, no parque salineiro de Macau. As multinacionais chegaram com tecnologia avançada, representada pela automação de todo o sistema produtivo das salinas, eliminando as possibilidades das pequenas e médias empresas, de capital local e regional, de competirem em igualdade com o poderoso capital externo. Além de equipamentos modernos, foi necessário também um conjunto de normas e negociações políticas, bem como um contexto histórico propício, muito além do local, para atrair e permitir a manutenção dessas empresas em território potiguar.

De acordo com dados da Relação Anual de Indicadores Sociais (RAIS), para o ano de 2013 existiam 88 estabelecimentos de extração e refino de sal[3] no Rio Grande do Norte, dos quais 50 empresas estavam localizadas somente em Mossoró, o que expressa uma considerável concentração da economia do sal nesse município. Embora o número de empresas salineiras tenha se ampliado ao longo dos anos posteriores à mecanização, esse aumento continua se dando de forma concentrada.

[3] No geral, as empresas que trabalham com a moagem do sal realizam também o refino do mesmo (um processo mais aprimorado). Mas há empresas que trabalham com o sal moído que não tem condições de refinar. Estas repassam esse sal moído para outras empresas fazerem essa etapa.

Na região mossoroense existem 35 salinas que compõem o Sindicato da Indústria de Extração de Sal do Rio Grande do Norte (SIESAL/RN). Atualmente, a maior produção é do Grupo Salinor, detentor de inúmeras salinas no Estado que, juntas, produzem aproximadamente 2,3 milhões de toneladas do produto, isto é, 45% da produção brasileira. Em segundo lugar, está a Salina Diamante Branco, que extrai entre 400 e 500 mil toneladas/ano. Um conjunto de 14 empresas do setor salineiro potiguar está presente na lista dos 200 maiores contribuintes do ICMS do Estado para o ano de 2013, sendo as quatro maiores a Salinor, a Salina Diamante, a Norsal e F. Souto[4].

Apesar de todo o processo de mecanização e monopolização das salinas, que provocou desemprego em massa e fechamento de várias empresas de pequeno e médio porte, a economia salineira ainda tem parcela de importância no mercado de trabalho mossoroense[5], embora com participação consideravelmente menor do que a fruticultura e o petróleo. De acordo com o Siesal (2013), o setor salineiro emprega no Estado, diretamente, 3.842 pessoas, sendo que as seis principais empresas empregadoras (Salinor, Henrique Lage, F. Souto, Salina Diamante Branco, Cimsal e Norsal) possuem juntas um contingente superior a 2.200 postos de trabalho (SIESAL, 2013)[6], o que dá uma dimensão da importância da região polarizada por Mossoró no que tange a esse setor.

FIGURA 2 – Mossoró(RN). Indústrias Salineiras: Socel, localizada na área central de Mossoró, à esquerda, e Fco. Ferreira Souto Filho, localizada na BR-304, à direita.



Fonte: Camila Dutra, 2010

O destaque de Mossoró na economia salineira potiguar é explicado por sua maior infraestrutura e comunicação com o mercado, uma vez que os municípios que sediam as salinas ainda não possuem estrutura de comunicação e informação suficiente para centralizarem

[4] Informação obtida na Lista dos 200 maiores contribuintes do ICMS no Rio Grande do Norte em 2013, de acordo com dados da Secretaria de Tributação do Rio Grande do Norte.

[5] A empresa que lidera o número de postos de trabalho é a Salinor, com 700 funcionários contando com o setor administrativo (SIESAL, 2013).

[6] Esse número se torna pouco expressivo quando comparado a uma salina tradicional que empregava até 400 homens somente no processo da colheita.

vendas, negociações, serviços de transportes etc., reforçando, nessa cidade, o histórico papel de centro polarizador de serviços. Não é por acaso que essa cidade já foi chamada de "Capital do Oeste" (FREIRE, 1987), de "Centro Regional do Oeste Potiguar" (IBGE, 1987), de "Metrópole do Sal" (LEITÃO, 1987) e ainda de "Metrópole Sertaneja" (LINS; ANDRADE, 1987).

Essa atração para os negócios da indústria salineira presente em Mossoró se manifesta também no interesse público em investir nas pesquisas e criação de novas tecnologias para esse setor. Na cidade encontram-se importantes instituições de ensino e de pesquisa que profissionalizam e especializam mão de obra para as unidades produtivas, tanto do sal como da fruticultura e do petróleo. As universidades, principalmente, chegam a criar linhas inteiras de cursos de graduação e pós-graduação destinados à formação de força de trabalho de alto nível de especialização demandada na região.

Ganha importância também para a cidade sediar o Laboratório de Análise do Sal, fruto da parceria entre o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI) e o Sindicato da Indústria de Extração do Sal no Estado do Rio Grande do Norte Sal (SIESAL). Este é acreditado pelo Instituto Nacional de Metrologia (INMETRO) e pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) e integra a Rede de Laboratórios de Ensaios (RBLEI).

No que diz respeito ao comércio de insumos para o setor salineiro, vemos uma baixa variedade de produtos ofertados, diferente do que ocorre na fruticultura e exploração de petróleo. Isso se dá porque, apesar da automação dos sistemas de produção do sal, sua extração ainda é pouco complexa. Para produzi-lo, em geral, são necessários matéria-prima (sal, produtos químicos como o iodo e o ferrocianeto e embalagens), máquinas e mão de obra. Porém, é possível identificar, no comércio de Mossoró, a existência da venda de alguns insumos e serviços associados a esse setor, nem sempre disponíveis em forma de estatísticas[7], mas fundamentais para o reconhecimento da realidade inerente ao consumo produtivo associado a essa atividade.

Desse modo, uma parte importante do terciário em Mossoró se especializa para suprir também as demandas oriundas também do circuito produtivo do sal. No comércio dessa cidade é possível, por exemplo, comprar peças para manutenção das máquinas utilizadas nas salinas e também aparelhos do tipo: esteira, máquinas de refino, máquinas de torrar o sal, empacotadeira, máquina de costura das embalagens. As esteiras, em grande parte, são fabricadas nas oficinas mecânicas das próprias salinas, por serem equipamentos de produção pouco complexos.

No caso das embalagens (sacaria), embora exista na cidade um estabelecimento fornecedor desse tipo de material para várias indústrias, a maioria das produtoras de sal, tanto de extração quanto de refino, compra esse produto fora do Estado, adquirindo especialmente na Bahia, na Paraíba e em São Paulo, onde é possível conseguir por um valor muito menor, segundo os compradores.

[7] Todas as informações que se seguem, relativas ao mercado de insumos e serviços do setor salineiro, foram obtidas mediante trabalhos de campo realizados entre os anos de 2007 a 2010.

Já com relação aos produtos químicos, o iodato de potássio e o ferrocianeto são comprados em Santa Catarina. As balanças, escavadeiras e caçambas são obtidas em geral nos Estados de São Paulo, Minas Gerais e Rio Grande do Sul. Os tratores e as correias das máquinas vêm principalmente de São Paulo e Recife. Alguns tratores usados nas salinas são agrícolas, com algumas adaptações para que possam ser utilizados na extração do sal.

Quanto aos serviços prestados para a economia salineira, esses também não possuem grande complexidade, em razão dessa atividade econômica não exigir tanta variedade e especialização de serviços. Eles são, contudo, bem mais representativos do que a venda de insumos. Entre os serviços necessários à produção salineira estão, em geral, os de mecânica, solda e eletricidade, ainda que exercidos muitas vezes pelos próprios funcionários das salinas.

Na indústria de sal, dificilmente terceiriza-se algum tipo de serviço, com exceção para algumas funções específicas como trabalhos de eletricidade e de refrigeração. Isso ocorre porque quase a totalidade do quadro de profissionais que prestam serviços nas salinas ou nos escritórios externos é contratada da própria salineira. As salinas possuem seus próprios tanques de combustíveis para abastecer os veículos e máquinas e seus próprios galpões para armazenagem do sal.

Um tipo de serviço que enseja uma intensa dinâmica de fluxos na economia salineira da região é o de logística, notadamente de transporte de cargas, que se dá na forma dos serviços de fretamento. Em Mossoró existe um grande número de escritórios especializados no agenciamento desse tipo de serviço que, na maioria das vezes, estão diretamente associados às próprias salineiras e localizados em postos de combustíveis, facilitando o contato entre os agenciadores e as transportadoras, já que Mossoró é cidade de convergência de praticamente todas as vias que servem ao Oeste Potiguar.

No espaço urbano de Mossoró estão, portanto, concentrados importantes serviços associados à economia do sal, como as empresas transportadoras, os escritórios de agenciamento de fretes, os postos de gasolina. Desse modo, verifica-se que a difusão do consumo produtivo do sal acompanha o desdobramento da mecanização e reorganização dos sistemas técnicos, adquirindo importante papel nas novas dinâmicas que surgem na economia urbana local e regional.

UM CENTRO REGIONAL DISTRIBUIDOR DE INSUMOS PARA O AGRONEGÓCIO

O Rio Grande do Norte, mais especificamente a região dos vales úmidos dos rios Açu e Mossoró, intensificou sua produção comercial de frutas nos anos de 1960 e 1970, porém só consolidou-se como importante área produtora do ramo a partir da segunda metade da década de 80, com a construção da Barragem Armando Ribeiro Gonçalves[8] e nos anos de

[8] Até o final dos anos de 1980, esse fixo foi considerado o maior reservatório de água do Nordeste. Essa construção significou a

1990, com outras importantes políticas públicas e altos investimentos em infraestrutura destinados à irrigação no semiárido[9], que tiveram papel definidor para o desenvolvimento agrícola dessa área.

Os grandes grupos agrícolas foram chegando à região do Baixo Açu, composta por 15 municípios[10], principalmente nos anos de 1980, à medida que obtinham patrocínios do Governo do Estado mediante isenção de impostos, favorecimento político, melhorias de estradas, instalação de infraestrutura de eletrificação e perfuração de poços. Esses atrativos encareceram o preço das terras, fomentando uma forte especulação fundiária que excluiu uma grande massa de pequenos agricultores. Com esses novos estabelecimentos chegaram também novas formas de produção e relações de trabalho, cada vez mais inseridas na lógica global, mudando não só a agricultura, mas transformando também a dinâmica da economia urbana mossoroense.

Há bastante tempo que o consumo produtivo agrícola está presente nessa região, isto é, desde a reorganização dos sistemas técnicos agrícolas, especialmente a partir da instalação dos perímetros irrigados públicos. Uma publicação da década de 80 (BRITO, 1987) já afirmava que o caráter eminentemente agropecuário da região de Mossoró conferia especial ênfase aos fluxos oriundos da revenda dos insumos agrícolas, cuja comercialização era centralizada, naquela época, pela Companhia de Fomento Agrícola Norte-Rio-Grandense (COFAN) – por meio dos postos e das Casas do Agricultor – e pelas cooperativas agropecuárias.

Naquela época, as máquinas agrícolas demandadas pelo setor já eram compradas em Mossoró, mas também em Natal (capital do Estado), que também polarizava alguns municípios que ainda não eram atingidos pelo comércio de Mossoró. Os outros insumos agrícolas (sementes, inseticidas, implementos agrícolas etc.) eram distribuídos por essa cidade e, em menor escala, por Açu, Macau e Apodi, todas da mesma região de influência. Na comercialização de arame farpado, havia certa participação de Fortaleza em três municípios potiguares (Areia Branca, Severiano Melo e Apodi). Interessante é perceber que, como aponta Brito (1987), naquela época Mossoró não comprava insumos nem em Fortaleza nem em Natal para revender, indicando que, já naquele momento, as trocas entre esse espaço e os Estados do Sudeste, sem passar pela intermediação de outros espaços urbanos, já ocorriam.

As condições históricas, técnicas e sociais dos anos de 1980, no entanto, fomentaram um consumo produtivo agrícola em menor expressão do que o dos dias atuais. As inovações e a ampliação das vendas no comércio mossoroense, com o surgimento de estabelecimentos específicos para o setor, é mais recente. A produção de frutas tropicais para exportação, no Vale do Açu, que se intensificou nos anos de 1990, criou em Mossoró

introdução de um dinamismo tipicamente capitalista para a atividade agrícola dessa região.

[9] Os primeiros projetos de irrigação no vale do rio Piranhas/Açu e Apodi/Mossoró foram implantados pelo Departamento Nacional de Obras Contra a Seca (DNOCS) nos anos de 1970. Tratava-se de três perímetros irrigados voltados para a produção de tomate, feijão e arroz: Projeto Cruzetas (1972), Projeto Itans-Sabuji (1973), Projeto Pau dos Ferros (1973).

[10] A microrregião do Açu: Açu, Alto do Rodrigues, Carnaubais, Ipanguaçu, Itajá, Jucurutu, Pendências, Porto do Mangue e São Rafael. Microrregião de Mossoró ou Alto Oeste: Mossoró, Areia Branca, Baraúna, Grossos, Serra do Mel e Tibau.

uma procura diferenciada por insumos e serviços especializados, de acordo com as novas necessidades de uma produção moderna.

Vale destacar que a produção intensiva de frutas tropicais para exportação extrapolou os limites do Rio Grande do Norte, difundindo-se também para alguns municípios do vizinho Estado do Ceará, notadamente do baixo curso do Rio Jaguaribe, que contou com as mesmas políticas públicas regionais e federais que visavam ao incremento da agricultura. Das novas dinâmicas socioespaciais advindas da difusão do agronegócio da fruticultura na região de influência de Mossoró, é possível observar a formação, ou antes, o reforço importante de uma região produtora de frutas comandada pelos agentes hegemônicos do agronegócio do setor.

Durante realização de trabalhos de campo[11] foi possível constatar um conjunto de 25 estabelecimentos comerciais de insumos agrícolas localizados na cidade de Mossoró. Esses se destacam pela quantidade e diversidade dos produtos e serviços ofertados ao agronegócio de frutas tropicais, especialmente para o melão e a banana, dado que tais produtos agrícolas demandam uma quantidade maior e mais especializada de insumos. Destaque deve ser feito ao fato de que muitas lojas comerciais do consumo produtivo agrícola também prestam algum tipo de serviço necessário à produção.

O tamanho desses estabelecimentos varia entre pequeno e médio porte e, em geral, se dedicam à venda de insumos: mecânicos (materiais de irrigação, máquinas, equipamentos e peças da linha agrícola e de tratores); biológicos (sementes, mudas); químicos (fertilizantes, defensivos, agrotóxicos) e minerais (adubos). A maioria foi instalada entre meados dos anos de 1990 a meados dos anos 2000.

Até o final dos anos de 1990, as casas comerciais de venda de insumos agrícolas concentravam-se no centro de Mossoró, lugar histórico de agrupamento de atividades terciárias, institucionais públicas e residências tradicionais, correspondendo à principal centralidade da cidade (ELIAS; PEQUENO, 2010). Contudo, posteriormente, parte importante foi transferida para a rodovia BR-304, importante via que corta a cidade e reúne uma série de equipamentos urbanos, no trecho que fica inserido no perímetro urbano. As novas empresas, por sua vez, já chegam hoje à cidade se instalando diretamente neste espaço dá acesso a várias cidades vizinhas, numa forma de evitar as deseconomias de aglomeração da área central e aproveitar a proximidade com o eixo rodoviário que liga Fortaleza.

[11]Realizamos alguns trabalhos de campo durante os anos de 2007 a 2010, quando visitamos, então, vários estabelecimentos representativos do consumo produtivo agrícola em Mossoró.

FIGURA 3 – Mossoró (RN). Loja de insumos agrícolas: Curral Veterinária, no Centro de Mossoró (esquerda) e Norteagro, na BR-304 (direita)



Fonte: Camila Dutra, 2010

A clientela das lojas de insumos agrícolas de Mossoró abrange desde o pequeno produtor (inclusive agricultores de assentamentos rurais) até multinacionais. Em termos de quantidade de compras, o faturamento maior das lojas é dado ainda pelos grandes produtores locais. De um lado, a incidência de compras dos pequenos produtores é baixa e, por outro, as multinacionais tendem a comprar no atacado direto dos fabricantes. Dessa forma, sobram os empresários agrícolas locais para injetar capital nesse mercado. O raio de alcance das vendas e serviços desses estabelecimentos abrange, em sua maioria, a *região produtiva do agronegócio* (ELIAS; PEQUENO, 2010)[12].

Na metodologia do estudo Regiões de Influência das Cidades – REGIC 2007 (IBGE, 2008), a variável "origem dos insumos agrícolas" tem grande importância na definição da área de influência das cidades analisadas. Os dados dessa pesquisa nos mostraram que Mossoró centraliza a venda de insumos da produção de banana para o município cearense de Quixeré e para municípios potiguares de Alto do Rodrigues, Carnaubais e Ipanguaçu, assim como vende insumos para o cultivo de melão para Baraúna, Grossos e Tibau, também no Rio Grande do Norte. Mossoró ainda lidera as vendas dos insumos para a castanha de caju destinados à Areia Branca, Caraúbas, Portalegre, Porto do Mangue, Rodolfo Fernandes, Serra do Mel, Severiano Melo, e também é o primeiro na venda dos insumos para a produção de coco em Icapuí (Ceará).

A influência das empresas localizadas em Mossoró não ocorre somente com a atração de clientes para os estabelecimentos localizados nessa cidade, mas também mediante a instalação de filiais em outras cidades. Algumas casas comerciais de produtos agrícolas possuem, além da matriz em Mossoró, filiais nessa mesma cidade ou em outras localidades próximas; caso da Semear (com loja também em Baraúna - RN), Renovare (com lojas em Caruaru e Petrolina – PE), Vida e Campo (matriz e filial em Mossoró). E há algumas

[12]Segundo Elias (2006) e Elias e Pequeno (2010), a região que vai desde o noroeste potiguar (Mossoró e baixo curso do rio Açu) ao nordeste cearense (baixo curso do rio Jaguaribe), comporia o que a autora vem chamando de Região Produtiva do Agronegócio, com intensa difusão do agronegócio de frutas tropicais no país e a segunda mais importante da região Nordeste.

empresas cuja filial é em Mossoró e a matriz fica em outra cidade, como o caso da Terra Fértil (matriz em Limoeiro do Norte/CE), Plantec (matriz em Recife/PE), Ouro fértil (matriz em Pelotas/RS) e Saraiva Equipamentos (matriz em Recife/PE).

Praticamente todos os insumos revendidos pelas lojas associadas ao consumo produtivo são produtos importados, ensacados e, só depois, distribuídos aos comerciantes de Mossoró, por meio das representações dos fabricantes localizadas em outros Estados do País (São Paulo, Minas Gerais, Paraná e Pernambuco). Ou seja, a maior parte desses produtos não é, em geral, fabricada no Brasil e, quando o é, as fabricantes são multinacionais instaladas no País. Isso é bem característico do setor agrícola, cujas empresas estrangeiras ocupam o mercado dos produtos agroquímicos e biotecnológicos, tendo em vista que o agronegócio exige o uso de tecnologias tanto à montante (pesquisa, desenvolvimento, fabricação de máquinas e equipamentos, sementes, fertilizantes etc.), como à jusante (combate de pragas, manutenção, melhoramentos da produção etc.).

De acordo com o Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (SECEX), os insumos agrícolas mais importados no município de Mossoró são: adubos, fertilizantes, sementes e produtos químicos utilizados para correção do solo (nitrogênio, fósforo e potássio). No geral, os fertilizantes são fabricados na Itália, o material de irrigação vem de Israel, as sementes geralmente são oriundas da Espanha, sendo que, no caso específico das de melão, procedem da Holanda e do Chile. Uma parte dos fertilizantes é produzida por indústrias nacionais, mas não é suficiente para atender à demanda interna, por isso a maior parte tem que ser importada.

Em razão da centralidade urbano-regional exercida por Mossoró, o consumo produtivo evoluiu muito, na mesma proporção que cresceu a fruticultura. Além dos estabelecimentos de venda de produtos para agropecuária, encontramos também escritórios de projetos, de assistência técnica, de logística para agronegócios, consultorias agroindustriais, laboratórios agronômicos, cooperativas, agroindústrias, bancos, instituições de ensino que formam profissionais para trabalhar no setor agrícola e também escritórios-sede de algumas fazendas da região.

É interessante observar como praticamente todas as empresas de produção agrícola precisam instalar seus escritórios em Mossoró, mesmo ficando distante até 70 km das fazendas. Isso se justifica quando verificamos que é em Mossoró onde esses estabelecimentos podem encontrar melhor oferta de meios de comunicação e de serviços especializados. Algumas das localidades rurais, onde estão instaladas as fazendas das grandes empresas agrícolas, não possuem nem mesmo linha telefônica e internet, dependendo da área urbana de Mossoró para realizar uma série de negócios.

Observamos que, embora a produção de frutas propriamente dita ocorra no campo de Mossoró e dos outros municípios de sua região de influência, ela se reflete nas *funções, formas e processos* (SANTOS, 1986) que se estruturam no espaço urbano dessa cidade, criando e dinamizando um comércio e uma série de serviços especializados para essa atividade

moderna. O caso de Mossoró também deixa patente que a relação campo-cidade não é unilateral, isto é, não é, por exemplo, a cidade dominando o campo ou vice-versa, ou alguma tendência de desaparecimento de um ou de outro. Pelo contrário, trata-se de um movimento dialético e complexo. Isso nos leva a comprovar, também, que a atual complexidade da rede urbana brasileira não nos permite mais continuar utilizando tipologias tradicionais para classificar os espaços e cobra urgentemente uma superação da contradição cidade/campo, requerendo um esforço metodológico em outro patamar.

TERRITÓRIO DO PETRÓLEO E SEU CONSUMO PRODUTIVO

Apesar da exploração relativamente recente, as evidências de petróleo na região mossoroense surgiram há bastante tempo. Em 1943, começaram as sondagens, inicialmente sobre coordenação do Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM), e depois pela Petrobras. A consolidação se dá, efetivamente, em 1986, com a descoberta de Canto do Amaro, o maior campo produtor de petróleo em terra do Brasil. Em 1979 foi perfurado o primeiro poço produtor de petróleo na cidade de Mossoró, que passa a sediar as instalações da Petrobras nos anos de 1980, servindo de base para o desenvolvimento da atividade petrolífera da Bacia Potiguar. Essa empresa tornou-se uma das principais da economia mossoroense. Cerca de 50% do que a Unidade de Negócios de Exploração e Produção do Rio Grande do Norte e Ceará (UN-RNCE)[13] gera vem de Mossoró, o que representa 40.000 barris/dia de petróleo.

Com a implantação e funcionamento dessa indústria do petróleo, demandaram-se obras de infraestrutura e serviços básicos de apoio a esse circuito produtivo. Diante dessa nova demanda, empresas de vários portes e atividades variadas foram atraídas para Mossoró com vistas a fornecer bens e serviços à economia petrolífera. A incorporação dessas unidades ao aparelho produtivo local contribuiu para acentuar o predomínio das atividades comerciais e de serviços na economia urbana de Mossoró.

[13]A UN-RNCE é atualmente a nomenclatura empresarial da Petrobras na Bacia Potiguar. Associados a ela estão os ativos de produção, espécie de unidades de subgerência: o Ativo de Produção de Mossoró – ATP-MO –, que cuida da parte terrestre tanto de Mossoró quanto do Ceará em Aracati e Icapuí; o Ativo de Produção do Alto do Rodrigues – ATP-ARG; a Unidade de Tratamento e Processamento de Fluidos – UTPF –, e o Ativo de Produção Mar – ATP-MAR.

FIGURA 4 – Mossoró (RN). Empresas prestadoras de serviços para a Petrobras: Weatherford, à esquerda, e Smith, à direita.



Fonte: Camila Dutra, 2010

Além da chegada de algumas multinacionais extratoras de petróleo[14], após a quebra do monopólio da Petrobras, surgiram também várias firmas, nacionais e locais, interessadas em vender insumos e terceirizar serviços para essa estatal. Contudo, geralmente, ocorre uma divisão de mercado em que as tarefas mais sofisticadas e mais rentáveis (serviços de sondagem, engenharia elétrica, caldeiraria, usinagem, automação industrial etc.) permanecem nas mãos das maiores empresas (as estrangeiras), enquanto os serviços e equipamentos de baixo conteúdo tecnológico (limpeza e conservação predial, locação de mão-de-obra, fornecimento de alimentação, pintura de superfícies etc.) são encomendados às firmas menores de âmbito local.

Em Mossoró, o consumo produtivo do petróleo emerge com a chegada da Petrobras e se incrementa com as demandas que vão sendo apresentadas por essa empresa e por suas terceirizadas. Dessa forma, a determinação do nível de investimentos na economia urbana de Mossoró está diretamente atrelada às decisões e gastos dos estabelecimentos capitaneados por essa estatal. Contudo, há ainda uma parte considerável de produtos demandados pela Petrobras que não são encontrados no comércio local, como materiais eletrônicos para projetos de automação, colônia de perfuração (obtida apenas nos Estados Unidos), máquinas grandes e motores. Além do mais, alguns segmentos, do ponto de vista dessa estatal, não possuem muito destaque no comércio de Mossoró, ou possuem qualidade inferior, como o caso dos eletrodomésticos, das camas, dos colchões e das mangueiras, o que faz com que essa empresa não se interesse muito em comprar na cidade. Por isso é que são as compras feitas por suas terceirizadas que mais dinamizam o terciário.

No centro de Mossoró encontramos lojas especializadas na venda de peças, ferramentas e máquinas para a extração do petróleo ou prestação de serviços. É possível

[14]Em Mossoró estão presentes algumas das mais importantes multinacionais do mundo, como Koch Petróleo do Brasil Ltda. (EUA); Partex Brasil Ltda. (Oriente Médio); Rich Minerals Corporation (Canadá); Petrogal Brasil Ltda. (Portugal); Petrosynery Ltda. (Colômbia).

encontrar também outros materiais como peças de reposição, peças de manutenção, chaves, cabos, parafusos, material de construção civil, material de escritório, material de informática, ferramentas em geral e ainda um leque amplo de serviços como tornearia, solda e manutenção.

O setor de ferragens e ferramentas foi um dos que mais cresceu a partir da implantação da Petrobras na cidade. Até o ano de 2007, a empresa que tinha a licitação para vender ferramentas para essa estatal era a Parque Elétrico. Segundo o Setor de Compras da Petrobras, a empresa Parque Elétrico já existia antes dessa petrolífera chegar à cidade, porém cresceu muito com as vendas para o setor petrolífero. Outra empresa que cresceu muito nesse setor, também vendendo para a estatal, foi o Baratão das Ferramentas e, no segmento de tintas, destacou-se o crescimento da empresa Unidas. A partir de 2008, o Lampadinha, de Natal, foi o estabelecimento que ganhou a licitação para fornecer ferramentas à Petrobras. Outras empresas locais importantes que fornecem ferramentas para a Petrobras são a WR Industrial, a MM Parafusos e a MRC Parafusos. Também é muito comum a Petrobras comprar materiais de construção no comércio de Mossoró. Diante disso, cresceu muito o número de lojas desse segmento na cidade, desde a chegada da petrolífera e também associado ao crescimento da indústria da construção civil.

Existe uma teia complexa formada pelo conjunto de estabelecimentos que, mediante contratos estabelecidos por licitação, fornecem bens e serviços para a Petrobras. Dessa forma, tanto o número de prestadoras de serviços é grande, quanto a oferta dessas prestadoras é diversificada, podendo ser classificadas por segmentos: segurança e saúde do trabalho; automação comercial; automação industrial; construção e montagem; manutenção industrial; consultoria; engenharia; capacitação de mão de obra; extração e produção de petróleo; alimentação industrial; fornecimento de mão-obra; locação de equipamentos e veículos; perfuração de poços; armazenamento e transporte de combustíveis; dentre outros.

A Petrobras possui um Cadastro de Fornecedores que apresenta atualmente para a UN-RNCE, uma carteira de aproximadamente três mil fornecedores de materiais e serviços no Estado. Depois de cadastrado, o fornecedor tem acesso à "Petronet", um portal eletrônico que disponibiliza ferramentas para aquisição de bens e serviços atendendo às subsidiárias do Sistema Petrobras. Porém, o fato de uma firma estar cadastrada, junto a essa petrolífera, como fornecedora de determinado bem e/ou serviço não lhe assegura o direito de participar de licitações que a empresa-âncora venha realizar. É o seu desempenho técnico e comercial ao longo do relacionamento com a estatal que influi na seleção.

Através dos trabalhos de campo, conseguimos listar as principais empresas comerciais e de prestação de serviços em Mossoró associadas ao consumo produtivo do petróleo. No segmento comercial, foram levantadas 12 empresas associadas, principalmente, à venda de máquinas; equipamentos de proteção individual; equipamentos hidráulicos; equipamentos de perfuração; produção; eletrodomésticos; pneus; produtos para pesquisa e exploração de petróleo; brindes e fardamentos; materiais elétricos; materiais de construção.

O número de empresas prestadoras de serviços no ramo do petróleo é muito maior que o de estabelecimentos comerciais. Para o setor de serviços, foram levantadas 87 empresas especializadas nas áreas de segurança e saúde do trabalho, automação comercial, automação industrial, construção civil, montagem e manutenção industrial, consultoria, engenharia e arquitetura, capacitação de mão de obra, extração e produção de petróleo, alimentação industrial, fornecimento de mão-obra, locação de equipamentos e veículos, perfuração de poços, armazenamento e transporte de combustíveis, dentre outros. Acreditamos que o número de empresas levantadas ainda é inferior à quantidade real de empresas na região mossoroense que fazem parte do circuito produtivo do petróleo[15].

Mossoró, portanto, reuniu e ampliou uma série de condições favoráveis à instalação da base da Petrobras, responsável pela gestão de toda a produção de petróleo da Bacia Potiguar. A presença dessa empresa significou uma articulação entre a realidade do semiárido nordestino e uma moderna estrutura de produção de energia, porém, que atende às necessidades gestadas noutros centros. Como importante núcleo produtor de petróleo e sede da Petrobras, Mossoró reforçou a sua posição de segundo mais influente centro urbano potiguar, concentrando a maior parte das atividades de apoio à produção do petróleo na região. O que ocorreu com o petróleo foi, guardadas as devidas diferenças, muito parecido com a forma que se difundiu o consumo produtivo associado também ao sal e à fruticultura, como apresentado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conjunto de reestruturações responsável pela difusão do consumo produtivo em Mossoró leva-nos a reconhecer esse arranjo espacial como verdadeiro *espaço luminoso* (SANTOS, 1996) que apresenta pistas para descobrirmos uma modernização no semiárido nordestino, decorrente da presença de novos agentes econômicos que trazem novas práticas e formas de atuação, e com progressiva incorporação de seus espaços pelo capitalismo em expansão. Essa cidade foi, portanto, "eleita" pela centralidade que exercia e exerce sobre sua região de influência.

É evidente que a difusão do consumo produtivo é apenas um dos diversos vetores de modernização de Mossoró e de sua região e, inclusive, só conseguiria chegar à sua atual expressão neste espaço urbano com o desenvolvimento paralelo ou em conjunto com outras *forças centrífugas e centrípetas* (SANTOS; SILVEIRA, 2003) que elegeram Mossoró como mais um dos espaços incorporados pelo capital na região Nordeste nas últimas décadas. Desse modo, a ampliação do consumo produtivo atua aqui como elemento propulsor, mais uma vez, para a introdução de grandes capitais nacionais e globais e drenagem dos capitais locais para fora da região.

[15]Tivemos dificuldades na obtenção desses dados por meio dos órgãos oficiais e das próprias empresas do setor, que são pouco acessíveis à visitação ou coleta de qualquer tipo de informação, sobretudo as empresas multinacionais. Além do mais, essa atividade econômica é deveras complexa e volátil, pois empresas do ramo petrolífero abrem e fecham a todo o momento, tornando ainda mais difícil a obtenção de dados completos.

Mossoró, antes de qualquer coisa, é uma cidade comercial, como já identificava o IBGE em 1982[16]. A sua peculiaridade é que suas relações terciárias, tanto os serviços quanto o comércio, não foram originadas dos setores básicos da Economia – agricultura e indústria. Estes, por outro lado, tiveram seu desenvolvimento favorecido pela pujança da atividade comercial de Mossoró. Isso mostra que o fato urbano não depende, obrigatoriamente, do fato industrial e, por outro lado, traz indicações de especificidades da urbanização no Nordeste. De outro modo, mostra a estreita relação entre a cidade e o terciário, revelando a expansão da economia urbana.

Foi possível constatar que, comparativamente aos demais circuitos espaciais da produção presentes em Mossoró, o consumo produtivo do sal é o menos expressivo, além do que, os poucos insumos requisitados na sua produção são comprados em outros estados. Os serviços nesse tipo de atividade econômica também não são simples e menos diversificados, pois, na verdade, são reduzidos, haja vista que a produção salineira, apesar de atualmente mecanizada, não perfaz estruturas e funções muito complexas.

Para o caso da agricultura, encontramos um número significativo de estabelecimentos comerciais especializados na venda de insumos e equipamentos para agricultura, com destaque para a produção de frutas irrigadas voltadas à exportação, sobretudo o melão e a banana. Foi possível constatar também uma significativa associação entre as transações comerciais e a prestação de serviços relacionados ao ramo agrícola, sendo que, em grande parte, as lojas que vendem os insumos são as mesmas que fornecem serviços, pelo menos de assistência técnica.

Quanto ao petróleo, essa atividade econômica demonstrou-se muito complexa, tecnificada e informatizada. Uma parte dos serviços demandados por este ramo, principalmente nas etapas de exploração e perfuração, é especializada e de alto padrão. Por outro lado, contudo, também há demandas de produtos e serviços mais básicos da ordem do atendimento à reprodução individual dos trabalhadores. Alguns serviços especializados surgiram indiretamente ou foram intensificados com base na atividade petrolífera.

Embora o comércio de Mossoró esteja se modernizando a cada dia para atender às demandas de insumos apresentadas pela Petrobras e por suas subsidiárias, os produtos comprados por estas, a nível local, ainda são de baixo valor tecnológico agregado. Contudo, há uma importante variabilidade e quantidade de itens ofertados, o que movimenta um capital considerável na economia urbana local, tanto que muitas empresas sobrevivem, quase exclusivamente, em função dos contratos estabelecidos com as petroleiras ou com as transnacionais especializadas.

Destarte, a expansão da economia urbana não acontece de modo homogêneo em Mossoró, pelo contrário, esse processo ocorre seletiva, territorial e socialmente, à medida que privilegia lugares, produtos e agentes sociais. A inserção de Mossoró na lógica empreendedora capitalista não se traduziu em um benefício para sua população. Nessa cidade, os investi-

[16]Texto produzido em 1971, mas publicado em 1982 na obra: IBGE. Mossoró, um centro regional do oeste potiguar..

mentos são dirigidos às áreas e aos agentes econômicos, na maioria, já dotados de condições favoráveis a atender às necessidades demandadas pelo capital. Guardadas as devidas especificidades locais, o processo de modernização mossoroense não foge à regra geral do progresso técnico, dialeticamente desigual e combinado, que se processou em todo o Brasil, impulsionando o crescimento de alguns de seus espaços, ao mesmo tempo mantendo algumas formas tradicionais de dominação e reforçando, bem como originando, desigualdades socioespaciais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Tânia Bacelar de. Herança de diferenciação e futuro de fragmentação. **Estudos Avançados**, São Paulo, IEA/USP, vol. 2, nº. 29, p. 7-36, 1997. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141997000100002>. Acesso em: 22 out. 2007.

BELLUZZO, Luiz Gonzaga de Mello. **Valor e capitalismo**: um ensaio sobre a economia política. São Paulo: Brasiliense, 1980.

BRITO, Raimundo Soares de. **Modernização industrial e estrutura urbana**: o caso de Mossoró – RN. Mossoró: Coleção Esam, ano XX, vol. 9, 1987.

BRASIL. Departamento Nacional de Produção Mineral. **Sumário Mineral**. Volume 34. Brasília: DNPM, 2013. Disponível em: <http://www.dnpm.gov.br/dnpm/sumarios/sumario-mineral-2013> Acesso em: 31 jul. 2015.

BRASIL. **Relação Anual de Indicadores Sociais/RAIS**. Brasília: Ministério do Trabalho e Emprego/Programa de Disseminação de Estatística do Trabalho; 1980-2013. CD-ROM.

ELIAS, Denise. **Globalização e Agricultura**: A Região de Ribeirão Preto. São Paulo: Edusp, 2003.

_____. Agronegócio e desigualdades socioespaciais. In: ELIAS, Denise; PEQUENO, Renato (Org.). **Difusão do agronegócio e novas dinâmicas socioespaciais**. Fortaleza: BNB, 2006.

_____. Redes agroindustriais e urbanização dispersa no Brasil. **Scripta Nova - Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales**. Barcelona: Universidad de Barcelona, 1 de agosto de 2008, vol. XII, núm. 270 (74). Disponível em: <http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-270/sn-270-74.htm> [ISSN: 1138-9788]

_____. Agronegócio e novas regionalizações. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**. RJ, V.13, N.1 / maio 2011, p.151-165.

ELIAS, Denise; PEQUENO, Renato. Mossoró: o novo espaço da produção globalizada e aprofundamento das desigualdades socioespaciais. In: SPOSITO, M.E; ELIAS, Denise; SOARES, Beatriz Ribeiro. (Org.). **Agentes Econômicos, reestruturação urbana e regional:** Passo Fundo e Mossoró. SP: Expressão Popular, 2010. 286 p. (Serie). p.101-283.

FELIPE, José Lacerda Alves. **Mossoró**: um espaço em questão. Mossoró: Coleção Mossoroense, vol. 141, 1980.

FREIRE, Jorge. Comércio de Mossoró. In: BRITO, Raimundo Soares de. **Modernização industrial e estrutura urbana**: o caso de Mossoró – RN. Mossoró: Coleção Esam, ano XX, vol. 9, 1987.

IBGE. **Regiões de influências das cidades 2007 (REGIC**). Rio de Janeiro: Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão, 2008.

_____**.** Mossoró, um centro regional do oeste potiguar. In: BRITO, Raimundo Soares de. **Modernização industrial e estrutura urbana**: o caso de Mossoró – RN. Mossoró: Coleção Esam, ano XX, vol. 9, 1987.

_____**.** Mossoró, um centro regional do oeste potiguar. In: BRITO, Raimundo Soares de. **Indústria e comércio do oeste Potiguar** – um pouco de história. Mossoró: Coleção Mossoroense, vol. CCXXXI, 1982.

LEITÃO, Deusdedit. Mossoró e o Sertão da Paraíba. In: BRITO, Raimundo Soares de. **Modernização industrial e estrutura urbana**: o caso de Mossoró – RN. Mossoró: Coleção Esam, ano XX, vol. 9, 1987.

LINS, Rachel Caldas; ANDRADE, Gilberto Osório de. In: BRITO, Raimundo Soares de. **Modernização industrial e estrutura urbana**: o caso de Mossoró – RN. Mossoró: Coleção Esam, ano XX, vol. 9, 1987.

MARX, Karl. Introdução [À Crítica da Economia Política] . In: MARX, Karl. **Contribuição para a Crítica da Economia Política**. Trad. Edgard Malagodi. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1982. [Edição original, 1859]

RIO GRANDE DO NORTE. **Lista dos 200 maiores contribuintes do ICMS no Rio Grande do Norte em 2013**. Secretaria de Tributação do Rio Grande do Norte, Natal, 2013.

ROCHA, Aristotelina Pereira Barreto. **Expansão urbana de Mossoró (período de 1980 a 2004)**. Natal: UFRN, 2005.

SANTOS, Camila Dutra dos. **Difusão do consumo produtivo**: reflexos na economia urbana de Mossoró (RN). 2010. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2010. 265p.

SANTOS, Milton. Os circuitos espaciais da produção. In: SANTOS, M.; SOUZA, M. A. A. de (Org.). **A Construção do Espaço**. São Paulo: Nobel, 1986.

_____. **Técnica, espaço, tempo**: globalização e meio técnico-científico informacional. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1996.

_____. **A Urbanização brasileira**. 5. ed. São Paulo: EDUSP, 2005.

SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria Laura. **O Brasil**: território e sociedade no início do século XXI. 5 ed. São Paulo: Editora Record, 2003.

SINDICATO das indústrias de extração do sal do rio grande do norte. **Estatísticas**. Mossoró-RN: SIESAL, 2013.

SOJA, Edward William. **Geografia pós-modernas**: a reafirmação do espaço na teoria social crítica. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1993.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. As cidades médias e os contextos econômicos contemporâneos. In: SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão (Org.). **Urbanização e cidades**: perspectivas geográficas. Presidente Prudente: GAsPERR, 2001.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão; ELIAS, Denise; SOARES, Beatriz; MAIA, Doralice Sátiro; TORRE, Edvânia. O estudo das cidades médias brasileiras: uma proposta metodológica. In: SPOSITO, Maria Encarnação B. (Org.). **Cidades médias**: espaços em transição (coleção Geografia em Movimento). São Paulo: Expressão Popular, 2007, v., p. -.

VARGAS, Heliana Comin. **Espaço terciário**: o lugar, a arquitetura e a imagem do comércio. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2001.